



DIVERSIDADE ÉTNICA E CULTURAL: ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DE JOGOS POPULARES

ETHNIC AND CULTURAL DIVERSITY: TEACHING- LEARNING THROUGH FOLK GAMES

Francisco Ribeiro Viana¹

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Eunice Simões Lins²

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de relatar uma experiência vivenciada e desenvolvida através de um projeto de iniciação científica – PIBIC, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com alunos do 6º ano do ensino básico, turno matutino, em uma escola da rede municipal de ensino, situada na periferia da Capital paraibana. O objetivo foi o de conhecer um contexto escolar em que houvesse diversidade cultural e religiosa, de conviver com ele, respeitá-lo e de encontrar subsídios que pudessem contribuir com o processo de aprendizagem dos alunos, numa perspectiva pedagógica dialógica, para superar preconceitos e intolerâncias, por meio do brinquedo popular. O corpus foi composto de crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades entre nove e 13 anos. Para isso, foram ministradas dezessete aulas-oficinas, no período de junho de 2017 a junho de 2018. A metodologia aplicada envolveu a pesquisa-ação, a descritiva e a de campo. Tal atividade enriqueceu sobremaneira a formação do educador/pesquisador em processo de qualificação profissional e aprimorou o saber-fazer do professor em sala de aula, no que se refere aos seus processos de planejamento, confecção de subsídios didáticos e aplicação de conteúdo, levando em consideração a cultura lúdica do alunado.

Palavras-chave: Diversidade étnica, cultural e religiosa; Ensino aprendizagem; Brinquedos populares artesanais; Sucata.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação-CE da Universidade Federal da Paraíba-UFPB; bolsista de Iniciação Científica – PIBIC; educador popular multimídia; artesão em brinquedos populares; patrimônio vivo da Grande João Pessoa-Pb. E-mail: mestrechicomadeira@gmail.com

² Pós-Doutora e atua como professora adjunta do Departamento de Educação do Campo – DEC - da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, no Centro de Educação – CE; professora, pesquisadora e vice-coordenadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de pesquisa: Mídia, Cotidiano e Imaginário. E-mail: euniceslins@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

São muitas as problemáticas postas pela sociedade, para o agora e, conseqüentemente, para o futuro. Nesse contexto, a educação surge como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir e consolidar seus ideais de paz, de liberdade e de justiça social (JACQUES DELORS, 1996).

No bojo dessa problemática social, podemos destacar a diversidade cultural e a religiosa, que, como fenômenos sociais, delineiam, circundantemente, as inter-relações, o que conduz os indivíduos a assumirem papéis a partir das leis que elas estabelecem, esteja esse indivíduo consciente ou não de sua real condição existencial.

As disputas territoriais e por poder, aliadas ao contexto econômico, no decurso da história, sempre ditaram as normas e marcaram as formas como os seres humanos se comportam nas sociedades. Entretanto, essas disputas caminharam, quase sempre, em sentido oposto ao de pertencimento macrocósmico - ou seja, onde todos são diferentes, mas iguais perante os direitos humanos.

Quando nos direcionamos para analisar as percepções religiosas, logo nos deparamos com ideias reducionistas, que, em nosso caso, de forma bastante contundente, afirmam que só existe uma verdade, cujo domínio pertence ao grupo de que faço parte, que meus pais me ensinaram, negando assim o direito de o outro pertencer a um grupo diferente do que eu participo, é no mínimo um dogmatismo, que, segundo Martini (1995, p.35), “[...] consiste em fazer com que indivíduos e grupos se projetem numa ilusória infinitude, ao pretenderem realizar em si propósitos a totalidade”. Devido a esse tipo de concepção, em que não há espaço para a ética humana, é que surgem as práticas equivocadas, preconceituosas e rotuladoras, por cauda da presença do diferente, que provocam e fomentam a intolerância religiosa em diferentes contextos e espaços.

Nossa experiência foi no contexto de um espaço escolar, especificamente na educação básica. Essa é uma problemática complexa, que vem caminhando com a humanidade, ao longo do tempo, e tem exigido, principalmente da educação, olhares e saberes mais humanizados e humanizantes, no sentido de encontrar formas para superar



esses limites, descortinar horizontes e apontar novas setas rumo ao encontro consigo mesmo e com o outro.

Cada indivíduo - criança, adolescente, jovem ou adulto – historicamente, carrega em si valores simbólicos, sociais, econômicos e culturais. Portanto, uma abordagem de intencionalidade pedagógica que pense na diversidade cultural e religiosa na escola (e não só na escola) precisa ter como premissa um olhar que assuma o aprendente em sua plenitude, por meio de um diálogo que respeite a diversidade, com vistas a humanizar as pessoas na perspectiva de uma cultura de paz. Com base nisso, elaboramos nossa questão-problema: Em que medida a realização de uma prática pedagógica em que se utilizam o livro didático e os brinquedos populares e se trabalhe sobre a diversidade cultural e religiosa pode contribuir para potencializar a aprendizagem e o processo de formação de cidadãos e cidadãs conhecedores do legado sócio-histórico, político e cultural do povo brasileiro?

Assim, ressaltamos algumas discussões sobre a diversidade étnica, cultural e religiosa brasileira no ambiente escolar. Entendemos como diversidade tudo o que é diferente, que não se assemelha, não é homogêneo. A palavra ‘diversidade’ tem significados diversos, pois é oriunda do latim, *diversitate*, que significa dessemelhança, diferença, algo que não é igual. Para compreender bem mais o sentido de etnia, iniciamos apresentando a etimologia de uma palavra de origem grega – *ethnos* – que se refere a um grupo ou povo, que pode se dividir em comunidades com semelhanças fundantes em sua estrutura cultural: consanguinidade linguística, culturais e sociais.

Segundo Junqueira & Kadlubitski (2011), diversidade cultural é a diferença entre as culturas. Isso significa que cada cultura tem sua forma de conceber o mundo, onde não há lugar para discriminação e hierarquização de valores, pois, como são originais, as culturas têm necessidades peculiares. Então, não devem ser uniformizadas, pois o que vale é o significado que cada uma detém, o que cada uma traz como referencial, seja em relação aos símbolos, aos ritos, aos idiomas, às tradições, à música, à dança, à arte, entre outros. É a representação dessa cultura para a sociedade que devemos levar em consideração, quando falamos em diversidade cultural. Assim, podemos inferir que a diversidade cultural envolve as formas de culturas diferentes, pois cada uma apresenta se apresenta de formas distintas.



Precisamos nos distanciar das discriminações que há entre as diversas culturas existentes em nosso país e de qualquer forma de proselitismo, pois cada cultura tem sua necessidade específica, é original, não pode nem deve ser tratada uniformemente (JUNQUEIRA, 2011). O importante é saber que a diversidade é relevante como conceito humano, acadêmico e pedagógico e como forma de conviver respeitosamente, devido à multiplicidade de culturas que encontramos e com as quais convivemos em nosso dia a dia.

Vale ressaltar que a diversidade religiosa é um dos aspectos da diversidade cultural apontado pelos documentos oficiais e educacionais do Brasil e deve ser trabalhada na educação, com vistas a formar cidadãos multiculturalistas, na perspectiva de superar a discriminação, o preconceito, a exclusão e a falta de capacidade de entender o diferente e as diferenças. Por outro lado, o pluralismo religioso nos leva a entender que, como a “religião” é uma expressão humana, não tem a capacidade de esgotar em si a completude da transcendência. Lori Altmann³ afirma que a parcialidade manifestada em cada uma das tradições religiosas possibilita que se compreenda e se aceite a existência de uma multiplicidade de religiões.

Nessa perspectiva, o objetivo de nossa pesquisa foi de compreender, com base em uma perspectiva dialógica, em que medida a realização de uma prática pedagógica em que se utilizam brinquedos e jogos artesanais populares visando trabalhar a diversidade étnica, cultural e religiosa pode contribuir com a aprendizagem e o processo de formação de cidadãos e cidadãs conhecedores do legado sócio-histórico, político e cultural do povo brasileiro.

Assim, considerando que a violência e a intolerância étnica, cultural e religiosa também estão presentes no ambiente escolar, buscamos compreender que todos são diferentes, mas iguais em direitos e com que precisamos conviver, respeitando uns aos outros, no constante propósito de promover os direitos humanos e a terra. Assim, o foco de nossa pesquisa consistiu em conhecer um cotidiano escolar em que houvesse diversidade étnica, cultural e religiosa, respeitá-lo e conviver com ele.

³ Doutora em Teologia pelas Faculdades EST; mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e em Antropologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2 METODOLOGIA

O estudo, para cujo desenvolvimento foi empregada a abordagem qualitativa, é um relato de experiência elaborado a partir de um projeto de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus I, João Pessoa, cujo objetivo principal foi o de conhecer um contexto escolar em que há diversidade cultural e religiosa, respeitá-lo e conviver com ele, construindo subsídios que efetivamente pudessem contribuir com o processo de aprendizagem dos alunos, numa perspectiva pedagógica dialógica para superar preconceitos e intolerâncias por meio do brinquedo popular.

Como base metodológica, foi utilizada a pesquisa-ação que, sob nosso ponto de vista, conduz a uma observação de participação e engajamento, que guia o pesquisador a uma ação geradora de dialogicidade e autonomia entre a pesquisa e a prática.

Sob o ponto de vista da metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação de natureza exploratória e etnográfica. Por meio da pesquisa etnográfica, o pesquisador pode expor e decodificar o contexto da observação e apresentar e traduzir a prática do olhar, da exposição e da crítica, mediadas pelas mais variadas formas comunicativas. A etnografia propicia uma observação acerca do que é natural e que, sem a lente de uma teoria, passa despercebida, sem os cuidados de uma problematização séria e necessária. Transcorrida a fase inicial, elaboramos uma proposta de oficinas-aula, respeitando os horários das aulas dos alunos e da unidade educacional.

O público-alvo da pesquisa foram a professora do ER e os alunos do 6º ano (com idades entre nove e 13 anos) do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Severino Patrício – situada no Bairro Alto do Mateus, município de João Pessoa.

3 RESULTADOS

Os dados foram coletados por meio do método de observação direta sistemática, de registro no diário de campo (escritos, fotografias e gravação de áudios) e do estudo etnográfico e com autorização prévia da Direção da escola e da professora de Ensino Religioso, com a aplicação de oficinas-aula e prática em sala de aula, construindo brinquedos populares com material de sucatas. É importante ressaltar que sempre



informamos aos alunos, de forma objetiva, os conteúdos que pretendemos abordar. A questão motivadora do estudo buscou reconhecer a contribuição dos brinquedos para incentivar os alunos a terem contato com o brinquedo/jogo artesanal popular e reconhecer que ele faz parte da cultura e pertence ao universo folclórico. Segundo Câmara Cascudo (2002, 240-241) “a cultura popular, tornada normativa pela tradição”, é um elemento primordial para o desenvolvimento intelectual e da coordenação motora.

A busca pelo material pesquisado foi estruturada em 11 etapas: 1- Coleta eficaz e ampla das palavras que dão sentido aos objetos em análise nos documentos nacionais, locais e nas entrevistas; 2- Seleção do livro didático da Editora Paulinas, ‘Somos um povo em comunicação’, para aplicar as atividades propostas sobre a diversidade cultural e fazer brinquedos artesanais; 3- Exposição de experiências, em grupo, para o orientador, destacando as implicações, as dificuldades e as superações sobre o tema ‘diversidade cultural e religiosa’, bem como as dificuldades práticas da aplicabilidade da pesquisa; 4- Elaboração de meios para divulgar os resultados através do tratamento da informação, visando a publicações de artigos acadêmicos; 5- Divulgação e compartilhamento dos resultados com a comunidade acadêmica e com o Grupo de Estudo e Pesquisa; 6- Redação do relatório trimestral, descrevendo os passos da pesquisa, a participação em evento científico na UFPB e em outras instituições e encaminhamento de artigo para ser publicado e participação em eventos científicos, locais, regionais e nacionais; 7- Planejamento das atividades que seriam desenvolvidas; 8- Exposição prévia, na sala de aula, do conteúdo que seria explorado; 9 - Consideração do tempo disponível da aula; Uso de uma linguagem simples e lúdica; 10- Seleção dos brinquedos que seriam confeccionados. Os objetos que seriam construídos eram apresentados previamente aos alunos, que eram solicitados a coletar sucata, material necessário para a confecção dos brinquedos; 11- Efetuou a oficina aula, seguindo um passo-a-passo norteador da prática: material necessário, etapas iniciais e subsequentes.

4 DISCUSSÃO

Considerando que a escola não é um espaço para se ensinar religião ou convicções de determinada religião, e que, ao contrário, deve ser um lugar de construção de conhecimentos sobre a diversidade cultural religiosa brasileira e mundial,



os educadores e os educandos devem refletir sobre as diversas experiências religiosas que os circundam. Como um lugar de trânsito de culturas, não compete à escola homogeneizar a diversidade religiosa, mas garantir a liberdade religiosa, por meio da igualdade de acesso ao conhecimento de todas as culturas, tradições/grupos religiosos e não religiosos, promovendo uma cultura de paz.

A proposta não se limitou a estudar a religião e as religiões de uma maneira objetiva. Ao invés de focalizá-las como sistemas de crenças, sugerimos que eles analisassem as diferentes tradições religiosas, utilizando o enfoque interpretativo, seja pela experiência pessoal dos indivíduos, seja pela vivência dos grupos aos quais eles pertencem ou pela tradição religiosa ou a corrente de ideias não religiosas a que se encontram ligadas essas pessoas, conforme sugere Jackson, (1997). Entendemos que assegurar o respeito à diversidade e à cultura religiosa e superar quaisquer formas de proselitismo é um desafio importante evidenciado pela legislação brasileira para a prática educacional nas escolas públicas. Assim, buscamos desafiar e superar tanto o confessionalíssimo quanto o silenciamento, em nome da neutralidade e das convicções de caráter religioso no contexto escolar.

5 CONCLUSÃO

A experiência apontou que é preciso aprofundar bem mais a discussão conceitual acerca da diversidade cultural e religiosa no contexto escolar. Do ponto de vista social, existe uma carência muito grande de melhoria dos meios didáticos e acadêmicos, referentes à elaboração de um modelo de Ensino Religioso não confessional, não catequético e não teológico, mas um modelo de Ciências das Religiões, a fim de atender aos interesses de educandos e educadores.

O que, antes, era apenas uma tempestade de conceitos distantes da realidade dos alunos, hoje, com a vivência em sala de aula usando-se elementos da cultura popular como subsídios, consegue-se promover o elo entre teoria e prática e acrescentar às experiências de vida dos alunos algo a mais e muito além do senso comum, que lhes possibilite visões críticas e protagonismo. Podemos dizer que o desconhecimento e as informações descoladas, livres de uma problematização que nos possibilite ir ao centro da questão, sem aprofundamentos, não só sobre os sistemas religiosos, mas também



sobre qualquer fenômeno, levam os indivíduos a nutrirem e a assumirem preconceitos contra o diferente. Considerando que o brincar é uma necessidade natural da criança, que também pode ser estendido para o adulto, e que o brinquedo também pode ser considerado um veículo de comunicação cultural e para o desenvolvimento humano, nossa preocupação é de contribuir para o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis lúdico-mágicos, que podem fortalecer a atuação do professor do Ensino Religioso e o debate de temas tão pertinentes nos tempo atuais, como: diversidade religiosa e cultural; educação inclusiva, com o fim de preparar o aluno para o diálogo e para que compreendam que, mesmo diferentes, perante os direitos humanos, somos todos iguais.

ABSTRACT

This paper has the purpose of reporting an experience that was lived and developed through a project of scientific initiation - PIBIC, of the Federal University of Paraíba - UFPB, with students of the morning shift 6th grade of basic education, in a municipal school located on the outskirts of the capital of Paraíba. The objective of this work was to understand a school context in which there was a cultural and religious diversity, to live with it, to respect it and to find subsidies that could contribute to the students learning process, in a pedagogical dialogical perspective. Also, to overcome prejudices and intolerances through the use of folk toys. The corpus was composed by children and teenagers, both male and female, aged between nine and thirteen years old. Thereafter, seventeen classes-workshops were taught, from June 2017 to June 2018. The applied methodology involved action-research, descriptive and field research. This activity greatly enriched the training of the educator/researcher in the process of the professional qualification, improving the teacher's know-how in the classroom, with regard to their planning processes, the preparation of didactic subsidies and the application of content, taking into consideration the ludic culture of the students.

Key words: Ethnic, cultural and religious diversity; Teaching-learning; Folk handmade toys; Waste.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. São Paulo: Global Editora, 2002.



DELORS, JACQUES. *Um tesouro a descobrir*. UNESCO no Brasil - patrocínio da Fundação Faber Castell. Brasília. 2010.

ALTMANN, Lori. Diversidade religiosa na perspectiva indígena. KRONBAUER. Selenir Corrêa Gonçalves; STRÖHER. Janete (Orgs.). *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. - São Paulo: Paulinas, 2009.

JACKSON, R. *Religious education*. Na interpretative approach. Londres: Hodder and Stoughton, 1997.

JUNQUEIRA, S; KADLUBITSKI, Lidia. Diversidade religiosa na educação no Brasil. *Revista Interações*, Uberlândia, v.7, n.11, p. 179-197, jan.-jun. 2011.

MARTINI, A. et.al. *O humano, lugar do sagrado*. 2. d. SP: Olho d'água, 1995.